

Um olhar atento sobre o que se passa lá fora...

Existem meninos de rua?

Irene Rizzini

Tornou-se tão comum referir-se dessa forma às crianças e aos adolescentes que vemos pelas ruas, que a pergunta parece descabida. Mas não é.

São meninos e meninas que estão a peregrinar pela vida, em busca de um lugar que parece não existir para eles no mundo. Eles já eram vistos no final do século 19 como perturbadores da ordem e da paz social nas primeiras metrópoles do mundo. Essas crianças que ainda hoje vemos pelas ruas não se encaixam nesse Brasil ideal. Elas permanecem às margens da sociedade em sua luta quotidiana pela sobrevivência. Nesse percurso, fazem um pouco de tudo para se manterem vivas e gerar renda para os seus. Desperdiçam nessa luta insana sua energia, seu potencial e seus sonhos.

Os meninos e meninas que vemos nessas fotos nascem como quaisquer outras crianças. Cheias de vitalidade e alegria. Cheias de expectativas. Querem ser parte de uma sociedade que lhes confronta nas ruas, na televisão e nos outdoors... Sonham fazer parte de um modelo económico e social do qual são excluídas. Só encontram barreiras e falta de oportunidades nos lugares onde vivem. São os espaços segregados das cidades, as favelas e os bairros de periferia. Forçadas a se afastarem de suas comunidades para permanecerem vivas, deparam-se com a violência das ruas.

Não. Não existem meninos de rua. Mas crianças e adolescentes que são levados às ruas. Seus destinos entregues à própria sorte.

Inútil acusar simplesmente os pais por falharem em suas responsabilidades. Às famílias dessas crianças não são asseguradas condições mínimas para que possam viver dignamente e manter os filhos em seus lares. Apoiá-las e fortalecê-las seria o caminho mais seguro para a promoção de políticas

de defesa da infância e da juventude, do seu direito de exercer sua cidadania. Ao escutarmos as crianças contando suas histórias de vida, compreendemos que em suas andanças elas buscam aquilo que de precioso lhes é negado: uma família, um lar, serem amadas e respeitadas. Um lugar no mundo.

Para entender o que se pode fazer, não faltam experiências e informações. Muitos vêm se dedicando a ouvir essas crianças, com a proposta de criar oportunidades e dar-lhes apoio. Para mudar, o primeiro passo é rever a forma de olhar. De meninos de rua para as crianças e adolescentes que são. Despindo nossos olhos do preconceito, do medo e da incompreensão, vislumbraremos o humano – neles e em nós mesmos.

Algumas páginas mais tarde...

Depois de muitas páginas de texto dedicadas às crianças na rua de Braga, nomeadamente às "minhas crianças na rua" que julgo retratarem a realidade de facto desta cidade, acho que não seria perder tempo dedicar algumas linhas ao que se passa por esse mundo fora...

Logo nas primeiras páginas em que se constitui como tema desta dissertação os meninos na rua, eu deixo no ar a ideia de que se trata, se não de um fenómeno importado, porque temos efectivamente meninos de rua em Portugal, pelo menos de uma denominação importada de outros países, nomeadamente da América Latina, países esses em que a terminologia e o fenómeno, pelos anos de existência e pelas imensuráveis proporções, ganharam verdadeiro significado e expressão. Considero pois de toda a pertinência dedicar algumas páginas ao que por lá se passa.

Se temas há cujo debate se vê prejudicado pela escassez de informação, não é de todo o nosso caso, e a dificuldade que senti esteve relacionada não com a falta de referências, antes com a abundância e conseqüente necessidade de selecção. No entanto, e apesar da oferta, não me demorarei muito nesta viagem.

Tratar-se-á apenas de uma breve referência aos moldes do fenómeno noutros países, nomeadamente no Brasil, referência essa que eu acho que tem de ser feita e

que nos servirá aliás, e já numa fase posterior, de ponto de partida para possíveis comparações, pontos de convergência, pontos de divergência...

A pobreza e as fracas condições de vida comuns à maioria dos países do mundo são reflexos dos padrões insustentáveis de consumo e de produção a que a humanidade tem vindo a recorrer há já várias décadas.

No Brasil...

O Brasil tem revelado números que fazem dele um país com índices de instabilidade e exclusão social muito significativos. Segundo o Relatório de Desenvolvimento Mundial, elaborado pelo Bird (Banco Mundial), divulgado em Junho de 1996, o Brasil pode, neste momento, ser o país com os valores mais elevados no que se refere à desigualdade social no planeta, ultrapassando mesmo alguns países da África como o Quénia ou o Zimbabué. Para esta desigualdade contribui a elevada taxa de desemprego da população economicamente activa e a taxa de sub-emprego que analisada com rigor, elevaria certamente a já referida taxa de desemprego.

De todo este cenário de pobreza e de desemprego que se desenvolve entre muitos milhões de habitantes, só poderia resultar o fenómeno a que assistimos nas grandes e médias cidades de alguns países: muitas pessoas em geral, demasiadas crianças em particular, a viverem na rua. "*São os (as) meninos(as) de rua, crianças desnutridas, drogadas, maltratadas, assassinadas, abusadas sexualmente, desaparecidas, traficadas... Muito se poderia comentar sobre essa problemática que é para nós, brasileiros, bastante conhecida, mas tratada de maneira inadequada e insuficiente.* Müller (2002:7)"

No caso concreto do Brasil, e apesar de algumas transformações ao nível socio-económico ocorridas no país nos últimos anos, a classe dos trabalhadores continua a ser vítima de exploração, originando um cenário de contínuo empobrecimento em certas camadas da população urbana e rural. A fuga das zonas rurais e a procura de uma vida mais próspera nas grandes cidades favoreceu (porque o fenómeno não é novo), e continua aliás a favorecer, nestas últimas, a concentração de focos de pobreza, com a ascensão de uma classe de gente miserável e marginalizada (Campos, 1984, Gonçalves, 1985 e Silva, 1993).

Decidi não apresentar números relativos ao número de crianças em situação de rua à escala mundial, nem sequer ao nível do Brasil, contexto sobejamente estudado, porque me fui apercebendo, através das variadas consultas a livros e a sítios na Internet efectuadas, de uma certa ineficácia ou impossibilidade de facto na contagem real do número das mesmas. Encontrei, como seria de esperar, vários valores, mas dada a sua inconsistência, a disparidade entre eles, optei por uma não inclusão dos mesmos na minha investigação. Desvendo, por trás desta dificuldade de apresentação de valores concludentes, várias razões das quais destaco duas: uma que se prende com a eterna discussão em torno da criança na rua ou da rua, anteriormente analisada num capítulo desta dissertação, e outra, que se refere, e que é apontada por vários autores, a uma certa falta de rigor científico nas investigações realizadas.

Muitos investigadores falam mesmo numa espécie de aproveitamento por parte das organizações que levam a cabo, ou dizem levar, porque até isto é posto em causa, estes estudos, que manipulariam os números para, desta forma, por um lado vincarem e assumirem a sua posição crítica e apontarem o dedo aos responsáveis por tal fenómeno, por outro, fazerem o aproveitamento político e/ou económico possível e desejado. Gláucio Soares do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro é uma das vozes da facção que defende tal teoria, e num estudo acerca de crianças em situação de rua de várias cidades brasileiras lançado na Internet refere a propósito:

"O Brasil passou a ser uma espécie de pária internacional, um país irresponsável, cruel mesmo, que destinava o grosso das suas crianças a viver e a morrer precocemente nas ruas. (...) Erros por um factor de 10, ou pior, de 100, não são aceitáveis. Não obstante, há números e cifras que integram relatórios, planos do governo, propostas de acção e plataformas partidárias e que são de origem desconhecida! Este é apenas um exemplo. Esta é uma situação perigosa e insustentável. Alguns problemas sociais, como o dos meninos de rua, podem estar sendo sobredimensionados, gerando críticas e denúncias, o florescimento de ONG's e projectos, dotações para pesquisas e partidas orçamentais muito superiores ao necessário, ao passo que outros problemas sociais, sub dimensionados, permanecem ignorados, sem perspectiva de merecida atenção dos poderes públicos. A despreocupação com a precisão, com a real escala dos problemas, e a obsessão com a denúncia social são incompatíveis com a eficiência de que o país necessita."

Num comunicado de imprensa de 14 de Dezembro de 2005 subordinado ao tema "A Situação Mundial da Infância 2006, Crianças excluídas, crianças invisíveis", a UNICEF não apresenta um valor exacto para o número de crianças em situação de

rua a uma escala mundial, refere-se apenas à existência, em todo o mundo, de dezenas de milhões de crianças que passam uma grande parte da sua vida na rua, onde ficam expostas a todo o tipo de abuso e exploração.

De acordo com Oliveira, Baizerman e Pellet (1992), a imagem que a América Latina tem das suas crianças na/de rua é francamente negativa. Têm-nas como seres totalmente despojados de cultura, deficientes ao nível emocional, incapazes de amar, sentir pena ou simpatia por alguém, incivilizáveis, totalmente desinteressados da escola ou de qualquer tipo de trabalho, "*sujeitos por opção e amantes dos crimes e das drogas*".

São também, de acordo com Koller & Hutz (1996), crianças muito vulneráveis a doenças físicas e psíquicas, danos cerebrais, psicoses muitas das vezes provocadas pela dependência das drogas, SIDA e hepatite pelo uso indevido de seringas. Estes autores chamam ainda a nossa atenção para o facto de as referências literárias que se dedicam às crianças e aos jovens em situação de rua, os descreverem quase sempre como seres humanos psicologicamente não saudáveis.

Esta imagem remete estas crianças para uma dimensão obscura, à margem, conotada com o crime, a droga e a marginalidade que decorre das suas vivências na rua, da sua necessidade de sobrevivência e da sua exposição à delinquência.

No entanto, autores há que continuam a achá-las, as considerações, demasiadamente redutoras e estigmatizantes. Rizzini e Rizzini (1992), em contraposição a uma imagem tão denegrada refere que o número de crianças que se envolvem nas práticas delinquentes e violentas, que dão origem a tais comentários, é baixo se comparado com o número daquelas que sobrevivem à custa de actividades no mercado infantil de trabalho. E Espinheira (1993), igualmente reticente face a tais descrições, refere também que existe, entre os meninos de rua, uma consciência generalizada de que o trabalho, qualquer que seja, se apresenta sempre como uma alternativa à mendicância e ao roubo. Ainda segundo este autor, estes meninos vivem constantemente lutando contra a imagem marginal com que são identificados pela maioria, tentando, a toda a força, afastar de si qualquer característica que possa ser associada a esta imagem. Esta tentativa ganha especial significado por volta dos 16 anos, idade em que os jovens tentam arranjar um emprego fora do mercado informal de trabalho.

Com base em vários estudos realizados em vários estados do Brasil, estudos mais focalizados e localizados, menos extensos, que não pretendem quantificar mas antes conhecer em profundidade para actuar, considero ter conseguido reunir algumas informações comuns a todas as referências, que nos vão ajudar a traçar o perfil da criança em situação de rua deste país e a compreender a situação de uma forma geral. Passo então a apresentá-los:

- A esmagadora maioria das crianças em situação de rua são do sexo masculino (CODEPLAN, 1998). Há inclusivamente investigações que, com base neste dado, já nem incluem raparigas nas suas amostras. Os investigadores sustentam a sua decisão de apenas entrevistarem crianças do sexo masculino em alguns estudos de Gonçalves (1979), do Governo do Estado do Ceará (1988), do IBASE (1990), de Oliveira (1989) e de Rizzini (1986), estudos esses que já demonstraram existir, nas ruas, uma maior percentagem de crianças do género masculino. Este dado é confirmado por estudos mais recentes. Brito (1992) registou, na sua amostra, apenas 22% de jovens do sexo feminino nas ruas de João Pessoa, e Hutz e Forster (1996) constataram que apenas 84 crianças, num total de 283 entrevistadas em Porto Alegre, eram do género feminino.

Justifica-se uma menor concentração de meninas na rua com o facto de elas assumirem frequentemente o papel da mãe em casa, que se vê obrigada a sair em busca de sustento para a família. As meninas são também muitas das vezes recrutadas para trabalhar como empregadas domésticas noutras casas que não as suas, onde são monetariamente recompensadas por isso (Ribeiro, 1987).

Rizzini e Rizzini (1992) acrescenta ainda que na maioria das vezes, as famílias mantêm as meninas em casa, ocupando-as com as tarefas domésticas, medida que visa salvaguardá-las das redes de prostituição, prática a que as raparigas recorrem comumente quando saem de casa para ocupar a rua.

- A grande fatia do grupo das crianças em situação de rua é constituída por crianças com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos. No entanto, encontra-se uma maior concentração de crianças com 11 e 12 anos (Araújo, 1998).

Segundo Rizzini e Rizzini (1992) estas crianças permanecem nas ruas até aos 16 anos aproximadamente, idade em que iniciam a procura do seu primeiro emprego formal, um emprego mais seguro que lhes garanta não só um ordenado capaz de lhes garantir a sua subsistência, como também algum reconhecimento e valor social.

- Constata-se que a saída dos meninos para a rua ocorre geralmente entre os 7 e os 12 anos, sendo a idade de saída mais frequente os 9 anos (Araújo, 1998).
- Verifica-se que as crianças entrevistadas pertencem a famílias numerosas, têm na maior parte das vezes mais do que 3 irmãos (Araújo, 1998).
- Verifica-se também que as famílias destas crianças não são oriundas da cidade em que viviam no momento da investigação, são famílias migrantes (Araújo, 1998).
- Apenas uma pequena percentagem das crianças em situação de rua assume a rua como sendo a sua casa; a maior parte mantém-se física e psicologicamente ligada às suas casas e às suas famílias (Araújo, 1998).
- As crianças da/na rua constituem-se como uma população "*de alta rotatividade*." Muito poucas foram reencontradas na rua um ano mais tarde (Araújo, 1998).
- Cerca de 1/3 dos entrevistados está na rua há 5 ou mais anos (Araújo, 1998).
- No que se refere às actividades desenvolvidas pelos rapazes, são geralmente actividades autónomas, e de acordo com Gonçalves (1979), Oliveira (1989) e Rizzini (1986), a mais frequente é a de vendedor ambulante. Aparecem também engraxadores de sapatos, guardadores e lavadores de carros e carregadores de mercadorias em feiras livres e supermercados.

Acontece frequentemente a mesma criança desempenhar mais do que uma actividade.

A autonomia destas crianças é por vezes falaciosa porque frequentemente, as actividades que eles desempenham dependem de "patrões" que os empregam e controlam. Crianças, "patrões" e actividades rodam num esquema de rua no mercado de trabalho informal. Estudos realizados por Oliveira (1989) em Recife, confirmaram esta informação. Ao longo do seu estudo, foi-se apercebendo que muitos dos meninos entrevistados exerciam ocupações "alugadas".

As actividades desenvolvidas pelos meninos de rua exigem pouca ou nenhuma qualificação e, em geral, segundo Brito (1992), Gonçalves (1979) e Rizzini e Rizzini (1992)

ocupam um dia de 8, 10 horas de trabalho. Muitas dessas crianças que tal como já foi referido, desempenham mais do que uma actividade, acabam por prolongar o seu dia de trabalho.

- A necessidade que os meninos de rua têm de trabalhar assume-se como o maior responsável pelo abandono escolar, bem como pelo atraso dos que ainda frequentam a escola. Oliveira (1989) obtém, no seu estudo, resultados que confirmam este dado e que demonstram que nenhuma das crianças entrevistadas por ele, com 14 anos, tinha completado a 8ª série do 1º grau.

Rizzini e Rizzini (1992) refere que a necessidade de trabalhar gerada pela falta de dinheiro é a razão mais apresentada pelas crianças para justificar o seu afastamento da escola, conseqüente abandono.

Em estudos mais recentes, Bandeira, Koller, Hutz e Forster (1994) sinalizaram outros motivos: a saída para a rua, o não gostar da escola, razão aliada, por vezes, a uma possível e conseqüente expulsão, a mudança de casa, a necessidade de sustento, a falta de vaga na escola e a dificuldade em aprender.

- As razões económicas, trabalhar, falta de dinheiro e de comida, necessidade de mendigar, são as mais referenciadas para justificar a ida para a rua; as razões lúdicas, brincar e jogar, aparecem em segundo lugar; em terceiro lugar, surge a fuga aos conflitos familiares, e finalmente, em quarto e último lugar surge 1% que admite a droga e a necessidade de furto como razão de fuga para a rua. Os vários autores que contribuem para esta conclusão são unânimes em considerar que este valor que aparece em último lugar pode não traduzir o que se passa de facto. Eles acham que a percentagem de crianças que ocupa a rua devido a necessidades de droga, de furto e de outras actividades ilícitas deve ser superior. No entanto, por vergonha ou por recusa à entrevista não se tem acesso à verdade (Araújo, 1998).

- O dinheiro que estas crianças obtêm, é, nas suas palavras, para entregar à família. Apenas uma minoria admite ficar com algum para si próprio. Esta informação vai de encontro a algumas ideias lançadas por Forster, Barros, Tannhauser e Tannhauser (1992), que referem que mesmo entre as crianças que dormem na rua, não mantendo portanto um contacto regular com a família, muitas delas guardam o dinheiro para entregar às suas famílias. Estes dados revelam a pertinência de Martins (1996), quando afirma que a responsabilidade pela ida para a rua e pelo ingresso precoce em redes de trabalho informal, deve atribuir-se à sobrevivência da família.

- O factor dormir na rua constitui-se como um choque para a criança e é a variável que melhor explica o aumento do consumo de drogas entre esta população (Araújo, 1998).
- A "rua" é descrita pela grande maioria das crianças como um local bom, uma fonte de trabalho e de rendimento, um lugar que propicia as relações sociais. Apenas uma minoria se refere à rua como um lugar mau e/ou violento (Araújo, 1998).
- Quando questionados acerca do abandono da rua, a maioria confessa que gostaria de deixar a rua e arranjar um emprego fixo, quem sabe até estudar. Uma minoria revela a intenção de permanecer na rua, considerando-a o único meio de trabalhar e arranjar dinheiro.
- O consumo de drogas aumenta com a idade: uma pequena parcela consome aos 9 anos de idade; aumenta o número dos consumidores por volta dos 10, 12 anos; torna a aumentar aos 13, 14 anos e atinge o número mais elevado a partir dos 15 (Araújo, 1998).
- Tem-se verificado nos últimos anos um aumento significativo do consumo aliado ao tráfico. Mais grave ainda, é que se tem vindo a desenvolver um perigoso tráfico armado que tem vindo a vitimar mortalmente muitos jovens e cada vez com menos idade (Athayde e Bill, 2006).
- A escola não elimina o problema do consumo de droga por parte das crianças, ajuda no entanto a controlá-lo, reduzindo-o significativamente.
- Há uma efectiva relação entre o consumo de drogas e a permanência na rua, a idade da criança ou jovem, o ambiente familiar, a experiência de institucionalização ou não, o sexo e o factor dormir ou não dormir na rua. Este último, e partindo de algumas análises, passou a constituir uma variável explicativa de peso considerável (Araújo, 1998).
- O período do dia mais propício a comportamentos indesejáveis é a noite.
- No capítulo das expectativas de ascensão social, conclui-se nos dois estudos, que estas crianças vêm no trabalho, e mesmo nos estudos, a porta de saída da rua, o acesso a uma melhoria das suas vidas. Outros estudos já realizados anteriormente

apontavam neste sentido. O Governo do Estado/SAS (1988) apresenta as conclusões de uma investigação desenvolvida em Fortaleza e constata que 34% das crianças acreditavam poder alterar o rumo das suas vidas através do trabalho, e 18,2% através dos estudos. Macêdo e Brito (1996), em Campina Grande/Pb, chegaram às mesmas conclusões; as crianças entrevistadas consideram o trabalho e os estudos, o percurso a tomar no sentido de uma ascensão social. Maciel, Brandão, Ismael e Camino (1996), num estudo idêntico realizado com alunos da escola pública e particular, e com filhos de dirigentes sindicais, constataram também que as crianças e os jovens entrevistados consideram fundamental estudar e trabalhar como meios de ascender socialmente.

É curioso o facto de crianças que condenam o seu percurso escolar, dedicando-se a trabalhos informais na rua, considerarem que o único meio de saírem da mesma, e ocuparem uma posição social reconhecida é através de um trabalho formal e de um percurso escolar normal.

Rizzini e Rizzini (1992) refere que as inúmeras dificuldades encontradas por estas crianças ao longo do seu geralmente curto percurso escolar, e nas redes de trabalho informal em que acabam por se envolver, condenam, à partida, o seu futuro.

À partida contraditório, mas talvez não se constitua tão contraditório assim... Estas crianças compreendem o mundo, percebem como é que a sociedade que gira à sua volta funciona. Têm a percepção do que poderia mudar-lhes a vida, mas as condições que a própria vida lhes (não) proporciona, não permitem que eles lá cheguem. Eles conhecem os meios para, não lhes é dada é a oportunidade nem o acesso a.

E soluções?

Seguindo a linha de Notto et al. (1993), autores que vieram acrescentar algumas razões de abandono escolar tais como o não gostar, o insucesso escolar e a expulsão, àquelas já tradicionalmente apontadas, que se relacionavam com a necessidade de ocupar a rua como forma de sustento, não se pode concluir que o trabalho, ou as outras actividades que as crianças desenvolvem na rua, estejam a ocupar o lugar que deveria ser ocupado pela escola.

O que se passa de facto, e trata-se de um fenómeno com alguns anos de existência que não foi parado a tempo e que ameaça não parar de aumentar, é que a escola está a perder foi perdendo o seu estatuto, o seu espaço e mesmo o seu

tempo nas vidas destas crianças. A educação no país, em especial em algumas zonas mais desfavorecidas, apresenta-se com algumas limitações ao nível das estruturas, não acompanhou a evolução. Ao chocar com as necessidades destas crianças acaba por desencadear a fuga para a rua.

Têm sido levadas a cabo inúmeras discussões que visam o debate destas e de outras questões relacionadas com o fenómeno meninos na/de rua. Não se perspectiva a erradicação do fenómeno, que pela proporção atingida não se revela uma intenção razoável sequer, mas pelo menos uma tentativa de travagem na chegada destes fluxos de miúdos à rua. Conjectura-se em torno de um programa capaz não só de retirar algumas destas crianças da rua, mas também, e sobretudo, que evite a ida das mesmas para a rua. O objectivo seria travar a inserção destas crianças no mercado de trabalho informal, que acontece muito precocemente, e que acaba por se constituir como uma ida sem volta. Uma vez na rua e depois de envolvidas em todos os esquemas que ela lhes proporciona, torna-se muito difícil, para estas crianças, voltarem atrás. Numa fase em que a criança já está na rua, o que passa a ser difícil não é tirá-la da rua, mas antes tirar a rua à criança. Acabam por ficar condenadas ao abandono escolar e a empregos desqualificados, que farão delas adultos miseráveis, remetidos para a margem pela maioria da sociedade.

A dimensão do problema passa por medidas dependentes da vontade política, da aplicação de políticas sociais diferentes das que têm sido até então aplicadas. Os autores de alguns destes estudos e alguma da população que se vêm confrontados com números de tal forma alarmantes insistem, no que se refere à economia, na implementação de programas concretos de reforma agrária, de melhor e mais eficaz distribuição de riqueza, de maior oferta de empregos às populações mais carentes. Müller chama a atenção para:

"O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, que representa milhares de pessoas e centenas de organizações que estão inconformadas com a situação da sociedade brasileira. Estas trabalham activamente com as crianças e vivem uma prática comprometida com a transformação da sociedade. Ainda que a sociedade, de um modo geral, pareça anestesiada diante da irresponsabilidade dos poderes públicos para com a infância e perdida ante a impotência de sua acção, existem casos específicos (individuais e colectivos) de luta contra a maré de desânimo, movido pela força da convicção ética. Vão assim intervindo na realidade brasileira de maneira tão contundente, que pode ser dito hoje existir um novo elemento, uma nova característica de mentalidade em uma parte importante da população infantil: a consciência não ingénua de sua situação e, conseqüentemente, da necessidade de sua organização. (2002: 8) "

Se os adultos responsáveis por uma família tivessem um emprego que lhes garantisse, se não mais, pelo menos a sobrevivência e a dignidade enquanto pessoas, podendo assim abdicar da necessidade dos rendimentos que os filhos obtêm nas ruas, poderiam assim garantir a sua permanência na escola. Talvez estivéssemos no caminho certo, no sentido da resolução do assunto.

Apontam também para a necessidade de um "*salário-educação*" como exemplo de política educacional que, a curto prazo, pode afigurar-se como mais uma solução face ao problema da fuga à escola. Não negam no entanto as limitações de tal solução.

Sugerem também a indispensabilidade do desenvolvimento, da reforma do sistema de educação do país. Propõem um sistema não tão virado para a maioria, mais centrado nos problemas reais do país, nos problemas específicos destas crianças na/de rua que gritam por futuros melhores, longe da rua, longe de todas as actividades em que se vêm obrigadas a apostar em nome da sobrevivência.

Carvalho (1992) escreve algo que me remete para o problema português, quando ele afirma que a fuga destas crianças à escola acontece porque a maior parte dos estados brasileiros têm escolas que não respondem às necessidades destas crianças, que não valorizam as suas culturas nem as suas capacidades. Ele salienta a educação como um direito fundamental e refere-se igualmente à urgência de uma escola para todos. Toca num ponto interessante que é o da rua como espaço educativo, como gerador de práticas que desencadeiam um processo pedagógico gerador de construção de cidadania.

No resto do mundo...

Detivemo-nos nestas últimas páginas sobre a realidade brasileira que acaba por ser, se não uma das mais estudadas, pelo menos aquela relativamente à qual se encontram disponíveis um maior número de dados e de estudos publicados. Insistindo um pouco na ideia de que não é o único país do mundo com crianças em situação de rua, longe disso, gostaria, até mais por uma questão de curiosidade, de partilhar algum do material que consegui juntar no decorrer das minhas pesquisas. São relatos, desabafos e testemunhos, foram notícias de jornais, são trechos retirados de livros, entre outros... são, no fundo, pedaços de real retirados daqui e dali que nos vão ajudar a pintar outros cenários de um mesmo fenómeno, noutras partes do nosso mundo.

Moçambique ⁽⁴⁾

Fátima Nordine Mussá realizou um trabalho intitulado "Os meninos de rua em Maputo", que tal como o próprio nome indica se dedicou ao estudo dos meninos de rua desta cidade/capital moçambicana. A investigação teve lugar em 1992, numa fase de pós-guerra recente e assenta sobretudo sobre os discursos das crianças com quem ela foi conseguindo estabelecer alguma relação de proximidade.

Este trabalho, divulgado na Internet e reproduzido nos anexos, teve como objectivo conhecer a situação das crianças que ela percebia multiplicarem-se pelas ruas da cidade.

Conclui-se, a partir do relatório da autora que se trata de um grupo com quem relacionar-se exige alguma mestria. Os depoimentos conseguidos, foram –no, graças à interferência de algumas crianças que ela já conhecia e que intervieram a seu favor, ou de algumas, muitas, negociações - depoimentos em troca de alguns meticais ou de alguns rebuçados.

O fenómeno das crianças em situação de rua em Moçambique ganhou, nos últimos anos, significativas e preocupantes proporções. Assume-se como consequência do elevado número de mortes durante o prolongado período em que o país esteve em guerra, mortes que deixaram muitos filhos sem pais, e como resultado da falta de condições mínimas de sobrevivência em que muitas famílias vão (sobre)vivendo.

Grande parte das crianças é oriunda de bairros e de subúrbios da cidade que se formaram numa fase em que para fugir à guerra as famílias procuravam os centros urbanos. Pertencem a famílias numerosas com problemas variados ao nível das relações, das co-relações e das condições.

A autora distingue, tal como muitos autores citados ao longo desta dissertação, meninos de rua e meninos na rua. Os primeiros vivem de facto na rua, encontrando-se, em princípio, física e afectivamente afastados de casa e da família, são mais agressivos e acabam por andar muito sujos e muito mal vestidos.

⁽⁴⁾ www.ifcs.ufrj.br/lps/acervo/boletins/boletim10-4.html - 21k

Os segundos regressam à noite a casa, partilham de quase todas as vivências do primeiro grupo, mas acabam por contar sempre com alguma retaguarda familiar.

Verifica-se que a grande maioria das crianças em situação de rua são rapazes, as raparigas são mais protegidas pelas famílias que as entregam às tarefas domésticas. Dedicam-se, crianças de e na rua, à venda de diversos produtos (doces e artesanato), e à medida que vão crescendo alargam os seus horários de trabalho, estendendo as suas actividades pela noite dentro, em bares e em cafés. As raparigas que se vão encontrando acabam quase todas por se dedicar à prostituição.

Estas crianças não se integram na escola, acabam logo que possível por abandoná-la e por se entregarem aos (des)encantos da rua e aos grupos constituídos por comparsas com o mesmo tipo de experiências. Os grupos possuem códigos próprios de comunicação, têm um líder, e juntos, embarcam nas venturas e desventuras do mundo da rua. São na sua grande maioria crianças que pelo que (não) comem, pelo que (não) bebem, e pela promiscuidade em que (sobre)vivem, acabam por formar um grupo demasiado vulnerável a algumas doenças (diarreias, constipações, bronquite, tuberculose, cólera, hepatite e sida).

É comum o hábito de consumir maconha.

Da expressão utilizada para denominar estas crianças – "*Molwene*" se desvenda o desprezo com que são vistas e analisadas pela comunidade que muitas das vezes as teme.

Angola

Zoran Roca é o autor de um livro de 2000 denominado "As crianças de rua em Angola, Um Estudo das Necessidades e dos Potenciais para a Introdução do Ensino Básico Informal" que nos dá uma excelente perspectiva do fenómeno em Luanda, mais uma das principais capitais de África.

Quando o autor fala em crianças de rua refere-se não apenas a crianças, mas também a adolescentes e a jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos que não têm acesso ao sistema formal de educação e que passam a maior parte do tempo na rua. São crianças, adolescentes e jovens urbanos que ocupam o centro e os subúrbios da cidade, e que pelas condições de pobreza em que a família vive, ou pelo desejo de autonomia e liberdade, tentam, mendigando ou Trabalham,

roubam, sobrevivem... muitas das vezes do lixo. Os segundos passam o seu dia na rua, desempenhando diversas tarefas que trocam por alguns tostões (lavar e guardar carros, engraxar sapatos, carregar água, vender jornais, etc.), sobreviver e ajudar a família a sobreviver. A maior parte destas crianças, porque como já referimos se encontram excluídas do sistema de educação formal, ou pelo menos mantêm uma relação muito conflituosa com a escola, são analfabetas ou semianalfabetas. O autor considera que quando se fala em crianças de rua se fala num grupo muito heterogéneo em termos de origens, situação familiar, passado migratório, tipo de habilitações, nível educacional e herança cultural.

Também Roca (2000) distingue crianças de rua, as que passam 24 horas do dia na rua e que não regressam a casa, de crianças na rua, também designadas pelo autor por "*crianças trabalhadoras*" que regressam a casa no final do dia. As primeiras, as crianças de rua, formam um grupo com 300, 400 elementos, sendo a grande maioria rapazes com 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15 anos, ocupam sobretudo a parte baixa da capital angolana, vivem em grupos instáveis e em refúgios, deixaram as suas casas e abandonaram as suas famílias por causa de conflitos familiares, ganham dinheiro, como já referi, com o desempenho de algumas tarefas, sofrem de falta de protecção física, psíquica e jurídica e alimentam-se de restos encontrados no lixo ou à porta dos restaurantes. As raparigas, embora se encontrem menos, dedicam-se sobretudo à prostituição. As segundas, as crianças na rua, dedicam-se ao mesmo tipo de actividades que o grupo anterior e conseguem assim juntar alguns trocos que vão garantindo a sua subsistência e a das suas famílias. Encontram-se não só no centro da cidade, como também, e a grande maioria, nos bairros pobres de Luanda – os "*musseques*". Não têm também qualquer tipo de instrução, a maior parte é semianalfabeta, acabam assim por se entregar a uma espécie de incapacidade produtiva que os condena num futuro próximo. Sofrem vários tipos de negligência e de violência por parte das famílias que vivem em condições extremas de pobreza.

Timor ⁽⁵⁾

A partir de um artigo do jornal TAIS TIMOR, jornal publicado quinzenalmente em tétum, inglês, português e bahasa indonésia que é distribuído gratuitamente, consegue perceber-se a existência, embora ainda "tímida", de algo que se pode comparar ao fenómeno crianças na/de rua em franca expansão noutros países.

⁽⁵⁾ <http://www.onuportugal.pt/timor010.pdf>

Fala-se de um grupo de rapazes com idades compreendidas entre os 6 e os 19 anos que percorrem as ruas de Díli, pedindo dinheiro e comida sobretudo aos estrangeiros. São, uma vez por outra, identificados com práticas mais violentas, muitas vezes com insultos dirigidos às pessoas que não lhes satisfazem os seus pedidos.

Relaciona-se o fenómeno com a falta de bem-estar total das pessoas ao nível da saúde, das suas necessidades físicas e sociais e com a pobreza resultante do êxodo rural que resultou em alguns milhares de famílias que não vivem, mas que sobrevivem.

As crianças de rua em Timor ainda não são identificadas com o consumo de droga, nem com a prostituição, nem sequer com cenas de violência (nem como vítimas, nem como perpetradores).

São vistas como crianças que formam um grupo heterogéneo e vulnerável, algumas têm pais, outras não, sabe-se que a maioria não frequenta a escola e que passam os seus dias na rua, buscando formas de sobrevivência pessoal e familiar; vendem, mendigam, roubam...

Peru⁽⁶⁾

No Peru multiplicam-se, tal como as crianças em situação de rua, os movimentos de apoio às mesmas, numa perspectiva de as ajudar a tornarem-se verdadeiras crianças outra vez (perspectiva curiosa). Fala-se em 100 000 só em Lima...

Estes movimentos, sobretudo religiosos, falam das condições e das experiências trágicas que estas crianças experimentam diariamente, e numa vida de pobreza, doença e morte a que se encontram entregues.

Definem-nas como crianças desconfiadas e com poucos hábitos de socialização: nos primeiros contactos umas fogem, outras reagem agressivamente.

Concluem que a grande maioria consome drogas, cheiram cola, e que as meninas que se encontram em situação de rua (cerca de um terço da totalidade), se dedica à prostituição.

⁽⁶⁾ <http://news.adventist.org/data/2000/05/0960924912/index.html.pt> - 22k

São muitas as crianças em situação de rua em Bogotá, na Colômbia, e apesar de se constituir um grupo muito móvel e instável, e de ser difícil distinguir os meninos que são de facto de rua, dos meninos na rua que regressam a casa à noite, a UNICEF lança um número que ronda as 110 000.

James Beaunaux estuda o fenómeno nesta cidade e agrupa estas crianças em quatro grupos: o grupo das crianças totalmente abandonadas, constituído por aquelas que vivem na rua, estão física e afectivamente afastadas das suas famílias, consomem drogas, geralmente inalam cola de sapateiro, e não trabalham nunca, mendigam e roubam; grupo das parcialmente abandonadas, constituído por aquelas crianças que apesar de manterem algum contacto com a família, também vivem efectivamente na rua, consomem drogas também e não trabalham, sobrevivem igualmente da mendicidade e do furto; o das crianças "fechadas a trinco", grupo que corresponde às que regressam a casa à noite, o autor refere que estas não consomem drogas e que fazem da rua um "espaço lúdico"; o das crianças trabalhadoras que na sua maioria regressam a casa à noite, não costumam consumir drogas e permanecem nas ruas enquanto trabalham: engraxar sapatos, lavar vidros de carros e venda ambulante são algumas das actividades que desempenham.

O autor refere que uma característica do fenómeno nesta cidade, é o facto de as crianças estarem na rua quase sempre por iniciativa própria, quase nunca porque foram abandonadas pelas suas famílias. Elas fogem aos maus-tratos infligidos pelos pais, à pobreza, ou muito simplesmente à autoridade que os mais velhos exercem sobre elas.

Estas crianças procuram na rua outras crianças com o mesmo tipo de experiência, juntas reproduzem a violência de que foram alvo em casa, e a droga surge como um factor de alívio da dura realidade das suas vidas.

⁽⁷⁾<http://tilz.tearfund.org/Portugues/Passo+a+Passo+21-30/Passo+a+Passo+28/Crian%C3%A7as+de+rua.htm>

Veiga (2005) estuda o fenómeno crianças das ruas no México e apesar de reconhecer que se trata de um fenómeno antigo e em expansão em todo o mundo, considera-o com proporções completamente massivas no México.

Estas crianças agrupam-se em bandos e ocupam o centro histórico do México, em abrigos precários, e sobrevivem do que os habitantes lhes vão dando.

Algumas crianças são terminantes ao referir que não regressam a casa por causa do ambiente violento que lá se vive, outras confessam gostar do ambiente da rua, das companhias que a mesma lhes dá a conhecer, das drogas que partilham, da liberdade que gozam e do que as instituições de apoio lhes vai proporcionando – recusam-se a ser fechadas em instituições, mas vão aceitando o apoio por elas dado (algum conforto moral e géneros alimentícios).

⁽⁸⁾ <http://blog.comunidades.net/veiga/index.php?op=arquivo&pagina=19&mmes=06&anon=2005-16k->

Algumas pré-conclusões

As crianças em situação de rua, seja qual for o seu país, constituem-se como um problema social grave que, curiosamente, apresentam sempre o mesmo tipo de causa e de causa/efeito. No comunicado de imprensa que ainda há pouco referi, a UNICEF fala em centenas de milhões de crianças, à escala mundial, vítimas de exploração e discriminação graves, onde inclui as crianças em situação de rua que *"vivem à vista de todos, mas são excluídas de serviços fundamentais e da mais elementar protecção. Para além dos maus-tratos a que são sujeitas, a grande maioria destas crianças não tem acesso à escola, aos cuidados de saúde ou a outros serviços essenciais para que possam crescer e desenvolver as suas capacidades."* O mesmo comunicado aponta para a necessidade de reflectirmos as causas de exclusão e de abusos contra criança, porque estas crianças acabam por se constituir como as mais vulneráveis do mundo, crianças cujos direitos a uma infância saudável e segura são muito difíceis de proteger. Continua-se a permitir que existam no mundo crianças que continuam a crescer à margem dos programas de desenvolvimento, que continuam ausentes dos grandes debates, da legislação, das estatísticas ou dos meios de comunicação, como tal, que continuam *"invisíveis aos olhos da comunidade internacional."*

A presença destas crianças na rua, como tal fora da escola, seja qual for o país, interfere com o seu desenvolvimento enquanto pessoas e enquanto membros de uma sociedade e compromete o seu futuro que se vê fortemente ameaçado pela falta de oportunidades.

A presença destas crianças na rua, seja qual for o país, mexe também com a dinâmica das sociedades que as acolhem comprometendo, não podemos ignorá-lo, o seu progresso. As sociedades a quem se atribui a responsabilidade pelo flagelo são as mesmas a quem se exige, ao mesmo tempo, medidas de erradicação do mesmo.

A presença destas crianças, seja qual for o país, incomoda uma população que as vê deambular pelas ruas e se sente ameaçada com a espontaneidade e a violência de muitas das suas práticas.

Uma das grandes aliadas da vida na rua, seja qual for o país, é a droga; droga que acompanha de perto o crime, e cujo consumo se percebe variar de acordo com a idade e com o número de noites dormidas na rua.

Retirar crianças e adolescentes da rua, sobretudo à noite, reduziria com toda a certeza o consumo e conseqüentemente o crime, mas tal tarefa ganha contornos de missão impossível, dado que para as crianças que rompem totalmente com a família e com a escola, a rua apresenta-se como a alternativa, como a *instituição quase total* de Goffman.

Políticas inteligentes, preventivas, permitirão que as famílias se fortaleçam e que busquem soluções para os seus conflitos, soluções alternativas à expulsão. Políticas inteligentes e compensatórias procurarão ajudar à reintegração das crianças na família, e caso essa solução seja impraticável, procurarão encontrar um ambiente substitutivo da mesma. Caso outras instituições sejam mais eficientes que a própria família neste tipo de prevenção/reparação, talvez a política mais inteligente seja mesmo a de as apoiar.